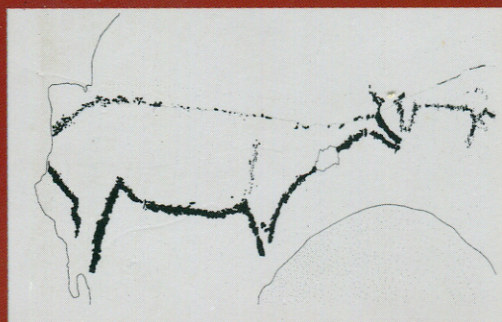
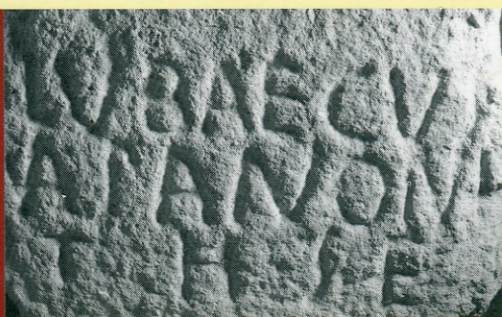


# EBVROBRIGA

História . Arqueologia . Património . Museologia

Revista do Museu Arqueológico Municipal  
José Monteiro  
do Fundão



# Índice

|                                                                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Manuel Frexes                                                                                                                         |    |
| Nota de Apresentação                                                                                                                  | 3  |
| Ana Mercedes Stoffel                                                                                                                  | 5  |
| O papel dos Museus na promoção do património<br>e da história local e no desenvolvimento das sociedades                               | 9  |
| António Martinho Baptista                                                                                                             |    |
| Arte paleolítica de ar livre no Rio Zêzere (Barroca, Fundão)                                                                          | 17 |
| Maria José Machado                                                                                                                    | 17 |
| Processo de reconstrução volumétrica de quatro peças cerâmicas proto-<br>históricas do Povoado de S. Roque (Donas/Alcongosta, Fundão) | 23 |
| Fernando Patrício Curado                                                                                                              | 23 |
| Uma ara romana dedicada a Apolo no Casal de Santa Maria<br>(Freixial, Fundão)                                                         | 25 |
| João Mendes Rosa                                                                                                                      | 25 |
| Uma proposta de releitura do «Epitáfio de Lubaecus»<br>(Torre dos Namorados)                                                          | 29 |
| João Mendes Rosa, Pedro Miguel Salvado                                                                                                |    |
| A história milenar do Fundão: os elos perdidos                                                                                        | 35 |
| Fernando Patrício Curado                                                                                                              | 35 |
| Uma ara a <i>Quangeius</i> no<br>Museu Arqueológico Municipal José Monteiro                                                           | 36 |
| Luís Raposo                                                                                                                           | 36 |
| Arqueologia no Vale do Tejo,<br>uma prioridade Ibérica                                                                                | 39 |
| Raquel Vilaça                                                                                                                         |    |
| O Povoamento Proto-histórico na periferia da Gardunha                                                                                 | 57 |
| José d'Encarnação                                                                                                                     | 57 |
| Emerita e Civitas Igaeditanorvm<br>Uma relação bem registada na epigrafia                                                             | 61 |
| Joaquim Candeias da Silva                                                                                                             | 61 |
| Alpreada e o seu território ao tempo dos romanos - Problemática,<br>realidades e perspectivas                                         | 93 |
| Pinharanda Gomes                                                                                                                      | 93 |
| Tomás de Gamboa                                                                                                                       |    |



# ARTE PALEOLÍTICA DE AR LIVRE NO RIO ZÊZERE (BARROCA, FUNDÃO)

António Martinho Baptista\*

## 1. Introdução

No passado mês de Junho de 2003, o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART) foi alertado pelo Dr. Paulo Fernandes, Vereador da Cultura da Câmara Municipal do Fundão, para a existência de gravuras rupestres nas margens do Zêzere. A descrição sumária do achado, realizado pelos fotógrafos Srs. Diamantino Gonçalves e Belarmino Lopes poucos dias antes do nosso contacto, deixava antever uma descoberta importante, pois as primeiras observações apontavam para a presença de representações de cavalos, um tema raro na arte rupestre pós-glaciar peninsular, mas relativamente comum na arte paleolítica europeia.

Em meados de Julho, com o apoio da Câmara Municipal do Fundão, o CNART pôde realizar o estudo do sítio, um trabalho arqueológico verdadeiramente compensador por vários motivos. Desde logo por termos a oportunidade de estudar mais um (raro) sítio de arte paleolítica de ar livre, que gradualmente parece ir criando uma mancha de dispersão pelo interior peninsular, com particular incidência nos rios com margens xistosas. Mas também e muito especialmente, pelo extraordinário empenho e calor humano com que fomos acolhidos pelo povo da freguesia da Barroca. Apercebendo-se da importância arqueológica dos achados, os mais antigos vestígios da passagem do homem fóssil no aro da freguesia, entretanto já divulgados através da comunicação social de âmbito nacional e regional, grande parte da população da Barroca acompanhou em festa o desenrolar do minucioso trabalho arqueológico que durante quase uma semana ali desenvolvemos. E incentivou-nos com a sua alegria vibrante nesses abafados dias de um verão já anormalmente quente, colaborando nos trabalhos e transformando as tarefas arqueológicas numa festa! Noite entrada, romarias de povo esperavam-nos junto às rochas gravadas, na expectativa do que iríamos fazer no sítio. E a gradual revelação do imaginário rupestre, imagens de maravilha e comoção, realçadas pela luz rasante artificial (o trabalho de campo em arte rupestre gravada de ar livre é desenvolvido em grande parte durante a noite de forma a podermos controlar as luzes para desenho e fotografia), eram um brinde à festa e um incentivo ao prosseguimento do nosso trabalho.

## 1. As gravuras paleolíticas da margem direita

Na margem direita do Zêzere, no sítio chamado Poço do Caldeirão (Latitude: 40° 06' 43"; Longitude: 07° 43' 25" em ponto central da estação), freguesia da Barroca, concelho do Fundão, foram identificadas e estudadas duas rochas com evidências de arte paleolítica que resistiram ao passar dos milénios. Terão sido a espaços observadas, pelo menos os cavalos por mais evidentes, por pescadores, simples passantes ou banhistas desprevenidos que desta rocha faziam prancha de saltos ao rio, que ou as considerariam formas estranhas, simples *ludus naturae*, obra de pastores ou de algum caminheiro mais folgazão. Mas a sensibilidade dos



fotógrafos ajudou a trazê-las ao conhecimento do nosso tempo, porque o que não se conhece não existe! Curiosamente, as representações de equídeos foram miraculosamente preservadas pela construção de uma ponte em pedra que há pouco menos de um século assentou um dos seus encostos precisamente no afloramento xistoso que conserva o painel historiado no Paleolítico superior. Teriam os populares construtores da ponte observado as pequenas figurações de cavalos a menos de um metro da base do pilar? Quase seguramente e tê-las-iam intencionalmente preservado, mas a memória do segredo rupestre terá perecido com eles, até que os olhos mais sensíveis e experimentados dos fotógrafos ajudaram à sua revelação.

As duas rochas gravadas estão localizadas muito perto uma da outra. Uma delas (Rocha 1 da margem direita), com motivos mais evidentes, é uma superfície horizontal quase lisa, com uma coloração castanho-avermelhada, na qual foram gravados por picotagem três representações semi-naturalistas de equídeos, todos orientados para a direita do observador e no sentido do rio. Todos os animais estão intencionalmente incompletos, figurados como se saíssem do interior da rocha. É uma técnica de representação caracteristicamente paleolítica, facto acentuado pelo estilo de figuração naturalista das cabeças. O cavalo mais completo, a que só falta a zona posterior, tem uma crina ligeiramente alteada, acentuada por uma linha dupla, o que também acontece no cavalo da parte superior do painel. As pequenas orelhas lançadas para a frente, num estilo formalmente muito semelhante a algumas gravuras de equídeos do Côa e de Siega Verde, acentuam o ar de família de todas estas representações paleolíticas de ar livre.

Na segunda rocha (Rocha 2 da margem direita), ao lado da anterior, mas aproveitando uma superfície muito erodida e boleada e orientada verticalmente, estão duas interessantíssimas figurações de capríneos afrontados, uma situação etológica muito cara ao universo mental dos caçadores-artistas do Paleolítico superior. São figuras também gravadas por picotagem, mas mais finamente, que têm a particularidade de se adossarem aos contornos do painel, com as duas linhas cêrvico-dorsais quase rectas e imperceptíveis, conformadas pela curvatura sinuosa do xisto. A criatividade do artista jogando desta forma com a própria matéria do suporte, consegue dar a ilusão da tridimensionalidade em representações quase estilizadas porque reduzidas aos seus atributos essenciais! Ou seja, a acentuada concavidade da rocha confere uma ilusória volumetria às figuras. Esta é também uma particularidade muito própria da arte rupestre e parietal do Paleolítico superior, cujos artistas procuravam no jogo de formas dos suportes rochosos acentuar características físicas ou conceder volumetria aos animais figurados. É um aspecto ausente na arte pós-paleolítica, mas muito bem documentado na arte parietal das grutas decoradas no Paleolítico superior e também na Arte do Côa (por exemplo, nos magistras cavalos da Rocha 1 da Ribeira de Piscos encorpados por uma ligeira convexidade do painel, da mesma maneira que no peixe da Rocha 5 da Penascosa) e que, por si só, tornariam o sítio arqueológico do Poço do Caldeirão, um dos nossos mais importantes locais com arte paleolítica de ar livre.

Cronologicamente, as duas rochas apresentam motivos aparentemente gravados em momentos diferentes e realizados por artistas distintos, se se atentar no estilo das representações. Os capríneos afrontados, com as cabeças quase tocando-se, são de um estilo mais arcaico, com bons paralelos na Arte do Côa, provavelmente ainda do período Solutrense e poderão datar de há cerca de 18.000 a 20.000 anos BP (antes do presente). Os cavalos, estilisticamente muito semelhantes a alguns dos equídeos de Siega Verde, mas também a algumas figurações do Vale do Côa, poderão

datar já do Magdalenense, portanto de um período imediatamente posterior ao dos capríneos. Esta disparidade temporal entre estas singulares representações paleolíticas em duas rochas isoladas na margem direita do Zêzere, não deverá espantar, pois os caçadores paleolíticos, para além de outras formas, hoje perdidas, de monumentalização do território e da paisagem, deveriam assinalar através da arte os seus locais ou episódios de caça ou até de simples demarcação territorial. Era uma forma de monumentalização da paisagem, mas também de afirmação da posse eventual de um determinado território num dado momento.

O paralelo com as sociedades aborígenes australianas que viviam num estádio muito semelhante ao paleolítico quando foram “descobertas” pelo homem branco em finais do século XVIII, ajuda a compreender melhor o modo de vida paleolítico pautado pelos ritmos de vida e sazonalidade da caça e da natureza. Por exemplo, os territórios aborígenes, onde não havia propriamente uma posse da terra no sentido mais ocidental do termo, eram atravessados por linhas imaginárias (os “cantos”), normalmente relacionados com episódios de caça ou luta ou mais comumente mitológicos, que vinham dos imemoriais tempos dos antepassados reais ou imaginários. Era o “tempo do sonho” da arqueologia australianas. As lendas e “cantos” de transmissão oral podiam permanecer imutáveis por gerações, mas o mais natural era serem sucessivamente transformadas e adaptadas pelos vindouros. A arte rupestre, muito ritualizada nestas sociedades, assinalava episódios diversos de caça ou de afirmação ou até dos mitos criadores do mundo e do universo, e poderá ter sempre uma pluralidade de interpretações e significados. É possível que no Paleolítico superior europeu, nos vastos territórios da Europa ocidental rarefeitos de população, tenham sido experimentadas formas de organização social que se aproximassem deste modelo. As gravuras isoladas do Zêzere, como o cavalo singular do Ocreza, mais a Sul, ou os isolados sítios do Sabor mais a Norte, poderão estar também relacionadas com episódios de caça ou ritos de passagem dos caçadores ou até de demarcação territorial ou étnica e são hoje quase tudo o que nos restou do nosso próprio “tempo do sonho”. Neste contexto, o Vale do Côa seria o principal sítio de agregação das diferentes comunidades de caçadores seminómadas, já que em todas estas gravuras paleolíticas de ar livre há um acentuado “ar de família” (técnico, estilístico e tipológico) numa vasta área cultural que poderá ter perdurado largos milhares de anos. No seu conjunto, estas descobertas parecem confirmar a persistência de um “império artístico” na segunda metade do Paleolítico superior nos territórios a ocidente da Meseta Ibérica, na sua maioria localizadas no território que é hoje Portugal. E são os mais antigos vestígios da primeira civilização artística no nosso país.

O sítio escolhido pelos caçadores paleolíticos para nele deixarem a sua “marca” artística, tinha seguramente e por tudo o que dissémos, uma clara intencionalidade. Na geomorfologia actual do curso do rio, ladeia um passo de águas anormalmente profundas do Zêzere e daí o topónimo de Poço do Caldeirão. A meio caminho entre duas curvas de rio a montante e jusante, as águas cavaram profundamente em ambas as margens o substrato xisto-grauváquico que aflora assim em largas bancadas de uma vincada irregularidade de formas petrificadas ora vivas ora boleadas. Pese embora a prospecção intensiva que aqui realizámos, nada mais foi encontrado que se possa ligar ao mundo do homem paleolítico. Mas restará descobrir algum dos seus acampamentos que não deixará de existir na região...



## 2. As gravuras esquemático-simbólicas da margem esquerda

Entretanto, na margem oposta do Zêzere, mas ladeando igualmente o Poço do Caldeirão, quase em frente das rochas decoradas descritas mais acima, foram também identificados três painéis com gravuras de tipo geométrico-simbólico, figurando representações circulares simples ou concêntricas e ovaladas, uma linha meândrica e manchas concentradas de pontos.

A Rocha 1, um painel de maiores dimensões com uma orientação sub-horizontal ligeiramente inclinada no sentido do curso do rio, apresenta o melhor conjunto desta margem, com 17 motivos individualizados, dos quais 4 são pares de círculos concêntricos e uma pequena mancha de ponteados concentrados, aparentemente associados em dois grupos distintos, mas complementares. Uma linha meândrica em largo S está associada ao grupo de representações do sector da esquerda deste painel. Todas estas gravuras são obtidas por picotagem, apresentando-se muito erodidas.

Os outros dois painéis (Rochas 2 e 3), para jusante mas muito perto do anterior, também ostentam figuras de tipo geométrico-simbólico, todas marteladas por picotagem. A Rocha 3, com duas representações ovaladas, é a mais interessante.

Todas estas gravuras, quer pelas suas características tipológicas, quer pela sua disposição no espaço operativo dos painéis, são enquadráveis na arte gravada entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, paralelizáveis com temas idênticos das fases finais dos complexos insculturais dos Vales do Tejo e do Guadiana (3º-2º milénios a.C.).

## 3. Problemática da Arte Paleolítica de Ar Livre na Europa Ocidental.

A revelação da Arte do Vale do Côa, envolta numa longa polémica arqueológica e de forte vertente política que atravessou todo o ano de 95, contribuiu para criar na arqueologia europeia um paradigma relativamente à arte do homem fóssil, até aí praticamente confinada à escuridão e ao segredo das cavidades cársticas. Os manuais de pré-história classificavam-na como a “arte das grutas”, seu suporte de eleição. Para os “iniciados” era e é a “Grande Arte”, por oposição à arte esquemático-simbólica das sociedades pós-paleolíticas. E a existência de uma arte plistocénica de ar livre era até então uma espécie de miragem arqueológica que, a ter existido, não teria resistido à erosão dos milénios...

Embora os primeiros achados de arte paleolítica de ar livre datem já dos anos 70, eram sítios isolados, com pouquíssimas gravuras (como este do Zêzere) e pouco valorizados arqueologicamente: Domingo Garcia, na Meseta espanhola, Mazouco, nas margens alcantiladas do Douro, mais tarde Fornols-Haut, um desguarnecido afloramento xistoso nos Pirinéus franceses, mais tarde ainda as primeiras gravuras de Siega Verde no Águeda (um afluente do Douro perto da fronteira luso-espanhola) e finalmente o Côa, que tudo ofuscou pela quantidade e beleza estética das suas figuras e que assinala uma das grandes descobertas arqueológicas de finais do século XX. Após a revelação da Arte do Côa, rapidamente classificada pela Unesco como Património da Humanidade, outros sítios têm sido descobertos, como que a confirmar que só se descobre o que se procura e que a arte paleolítica de ar livre era, afinal, um fenómeno tão ou mais comum do que a arte das grutas, diferente mas produzida pelos mesmos ou outros artistas contemporâneos, como o comprovam os evidentes paralelismos formais, tipológicos e estilísticos

entre ambas as formas de expressão gráfica. Assim, nos anos pós-Côa, foram descobertos os quatro sítios do Sabor (distrito de Bragança) e o mais meridional cavalo isolado do rio Ocreza, a única gravura paleolítica ligada ao grande complexo rupestre do Vale do Tejo, na sua quase totalidade de cronologia holocénica. O Poço do Caldeirão é pois a descoberta mais recente, mas não será seguramente a última, acentuando a dispersão da arte paleolítica de ar livre pelos cursos mais interiores dos nossos rios.

A persistência destas descobertas, em zonas onde não há grutas, demonstra desde logo uma dispersão muito interiorizada do povoamento ao longo do Paleolítico superior, que só a falta de prospecções intensivas devidamente orientadas das nossas regiões mais interiores não permitiu que fossem reveladas mais cedo.



Fig. 1 - Figurações de Equídeos



Fig. 2 - Figurações de caprídeos afrontados



Fig. 3 - Gravuras esquemático-simbólicas

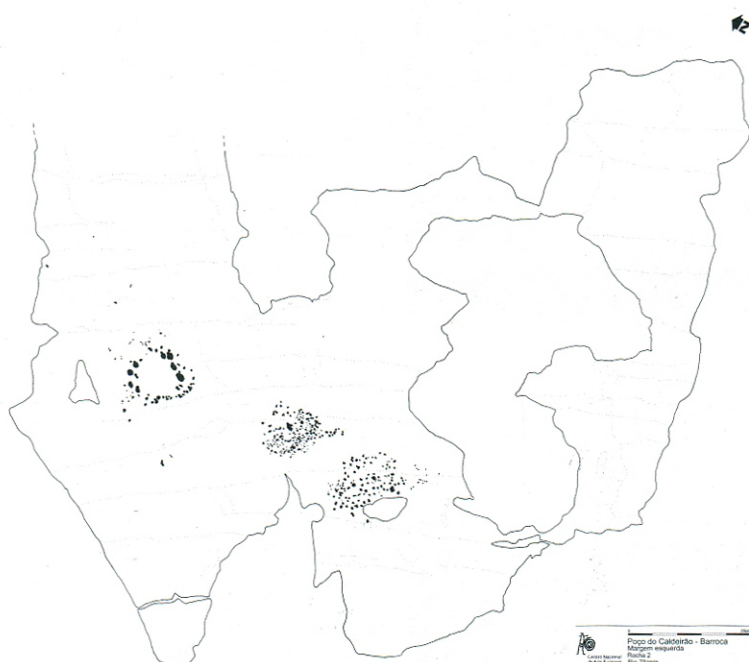


Fig. 4 - Gravuras esquemático-simbólicas



Fig. 5 - Gravuras esquemático-simbólicas



Foto 1 - Sítio do Poço do Caldeirão

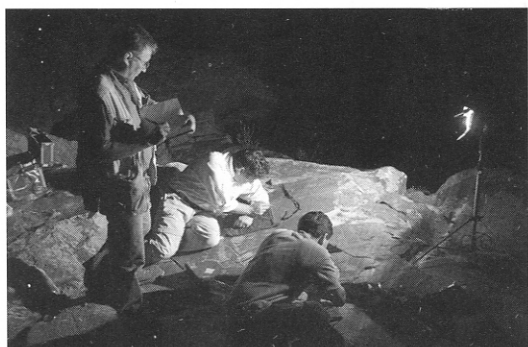


Foto 2 - Levantamento da rocha 1,  
da margem direita

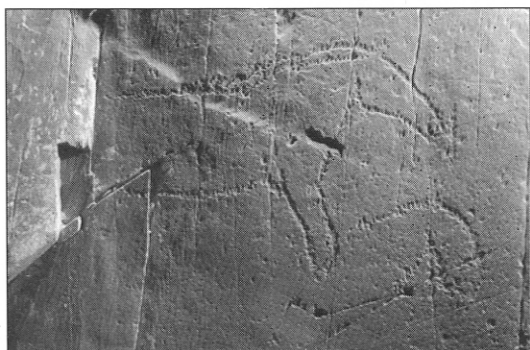
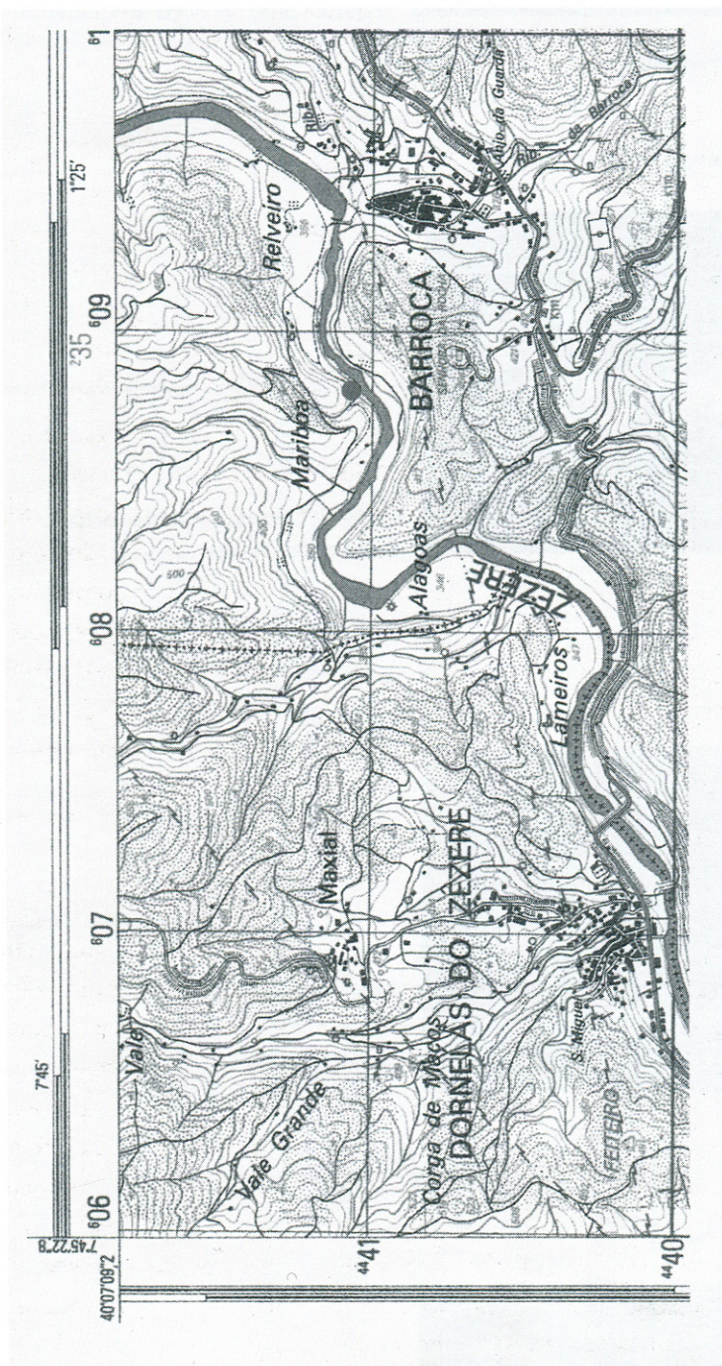


Foto 3 - Rocha 1,  
pormenor dos equídeos



Foto 4 - Rocha 2, capríneos afrontados



Carta Militar 1/25000  
Folha 255, Barroca (Fundão), 1992

Coordenadas Geográficas (GPS)  
Lat 40° 06' 43"  
Long 07° 43' 25"